



PREFÁCIO

O MAIS PURO AMOR

O Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque reuniu, em memorável exposição denominada *Warriors and Mothers: Epic Mbembe Art*, obras de autoria de mestres escultores do sudeste da Nigéria, que estão entre as mais antigas e dramáticas esculturas de madeira preservadas da África.

Criadas entre os séculos XVII e XIX as obras de arte mostram, de maneira árida, marcante e poética, figuras de mães sentadas, alimentando seus filhos. Mas, não são quaisquer mães. São mães de crianças do sexo masculino que se tornaram agressivos guerreiros.

As criações, apresentadas pela primeira vez na Galeria de Paris, em 1974, imediatamente chamaram a atenção do mundo da arte, por representarem o carinho, a preocupação, o cuidado e a longa espera das mães pelo retorno de seus filhos guerreiros, quando partiam para suas batalhas. Mostram que, já naquela época, na distante África, o amor de mãe era retratado de maneira dramática e insofismável.



Nos primeiros meses em que um sentenciado começa a cumprir a sua pena, ele recebe as visitas de amigos e parentes, da companheira ou esposa e até de desconhecidos.

Com o passar do tempo ficam os filhos, alguns amigos e parentes. Depois de alguns anos, ficam só os parentes. Quando se passam mais de dez anos, geralmente o preso é esquecido e as pessoas perdem o ânimo, a curiosidade e não mais fazem o sacrifício da visita. Vão cuidar da própria vida.

A única pessoa que não arreda pé, em todas as oportunidades possíveis, e lá está e o espera, na porta da prisão, quando é libertado, é a sua mãe.



A expressão *amor de mãe*, geralmente desgastada de tanto uso, representa o amor puro e verdadeiro a que se refere Jesus, reafirmado pelo Espiritismo.

Allan Kardec destaca o amor de mãe como o maior que um ser pode ter por outro ser. A fraqueza da criança, um dos seres da criação mais frágeis nos primeiros anos, requer os cuidados maternos. Para a mãe, os filhos sempre são bons e dóceis. Daí sua interminável afeição.

São caminhos traçados por Deus facilmente assimilados e seguidos pelas mães. A inocência da criança, que suscita esse amor, nunca termina. Para elas, os filhos sempre foram e sempre serão puros. A flexibilidade da infância as encanta para sempre. As mães seguem, docemente, as leis estabelecidas por Deus, que regem o universo.

Esse exemplo, se seguido nas demais situações de nossas vidas, nos situaria como filhos obedientes do Senhor e de muitas dores poderia nos poupar. Oxalá as páginas a seguir nos motivem a ensaiar esse amor, puro e verdadeiro.

Outono de 2016

Sumário

Amor puro e verdadeiro	13
Anjos guardiães	22
Como voltaremos?	30
Em nome do Senhor	35
Falsa certeza	39
Ideias que incomodam	46
Os demônios que nos atormentam	55
Pavlov, gatos e evolução	61
Pequenos gestos	66
Sarna para se coçar	73
Nem tanto ao mar...	83
Impulso irresistível ou falta de educação?	88
Enganar ou ser enganado?	94
Uma questão de fé	102
Vou dar uma de Chico	105
E agora, José Néilson?	111
Instrumentos da misericórdia	116
O menino Delanne	128
O sol deve ter morrido	132
Eles <i>perderam</i> a vida	135
O futuro e os anjos	144
Comemorar o Natal?	149

NEM TANTO AO MAR...

Em certa ocasião, Kardec foi procurado por uma médium, que lhe mostrou comunicação recebida de Jobard. Esse Espírito, quando encarnado, havia sido um dos colaboradores de Kardec na codificação da Doutrina Espírita. Nessa mensagem, Jobard recomendava àquela médium que, considerando suas dificuldades financeiras de viuvez, passasse a cobrar por suas atividades mediúnicas.

Era uma questão delicada e Kardec não quis respondê-la de imediato. Inspirado pelo bom senso que o caracterizava, enviou cartas a outros médiuns da França e de outros países da Europa, indagando sobre a licitude da pretensão. E as respostas vieram cada qual com sua forma de expressão, mas únicas no conteúdo:

- Dar de graça o que de graça recebemos. Que a médium tivesse confiança em Deus, pois suas necessidades financeiras não passavam despercebidas da espiritualidade e seriam solucionadas de outra forma.



No ditado *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra*, a sabedoria lusitana está se referindo, naturalmente, ao equilíbrio e ao bom senso. E quando se fala em bom senso logo nos lembramos da adjetivação utilizada pelo mundialmente conhecido astrônomo Nicolas Camille Flammarion ao se referir a Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita: *o bom senso encarnado*.

E como às vezes nos falta esse bom senso... Bem-intencionados e a pretexto de acelerar o processo evolutivo de irmãos em provação que nos procuram, vamos com *muita sede ao pote* e, como diria meu pai, *botamos os pés pelas mãos*.

Queremos que evoluam, como diria a expressão portuguesa, utilizada para expulsar desajustados ao som de tambores, *a toque de caixa*, isto é, com toda a pressa possível.

Ignoramos preciosas recomendações como a da questão 800, de *O Livro dos Espíritos*:

Conhece bem pouco os homens quem imagine que uma causa qualquer os possa transformar como que por encanto.

A transformação, pois, somente com o tempo, gradual e progressivamente, se pode operar.

De vez em quando, empolgados com a intenção de acelerar o progresso das pessoas, nós - oradores, escritores e dirigentes - acabamos por desprezitar o bom senso de Kardec, achando que as transformações possam ser atropeladas.

Com isso, surgem situações a serem abordadas com muito cuidado. Qual deve ser o caminho? Assumir *linha dura* ou assumir a postura *laissez faire*, isto é, *deixar do jeito que está para ver como é que fica?*

Nem uma coisa nem outra. Nem a postura excessivamente liberal e condescendente, nem a atitude medieval, inquisitorial, como se fôssemos donos da verdade.

Ocorre que, no afã de propagar a Doutrina Espírita, às vezes nos esquecemos do ritmo de cada um e de que cada criatura tem o seu caminho próprio.

Daí, exagerando em nosso entusiasmo, ao invés de impulsionar para o progresso, criamos obstáculos à transformação.

Neio Lúcio, no livro *Jesus no Lar*, narra uma notável história a respeito de um homem que se recolheu a uma gruta isolada, em plena floresta, a pretexto de servir a Deus. Ali vivia, entre orações e pensamentos os quais julgava irrepreensíveis, e o povo, crendo tratar-se de um santo messias, passou a reverenciá-lo com intraduzível respeito.

Se alguém pretendia efetuar qualquer negócio do mundo, dava-se pressa em buscar-lhe o parecer.

Achando que as pessoas deveriam imitá-lo, a fim de conquistarem um dia o paraíso, passou a tirar o entusiasmo de qualquer pessoa que se atrevesse a tomar alguma iniciativa de vida.

Empreendimentos comerciais, casamentos, cargos públicos, festas beneficentes, tudo recebia severas críticas

desse pretense sábio. Todos recebiam vigorosas cargas de desânimo e passavam a partilhar de seu ócio e de sua paralisia de alma.

Com a morte, esse *sábio* foi conduzido a terrível purgatório de assassinos. Em pranto desesperado indagou, à vista de semelhante e inesperada aflição, dos motivos que lhe haviam sitiado o espírito em tão pavoroso ambiente infernal.

Recebeu o esclarecimento de que, se não fora homicida vulgar na Terra, era ali identificado como matador da coragem e da esperança em centenas de irmãos em humanidade.



Ninguém pode se arvorar em transformador do mundo. Aquele que efetivamente promoveu essa mudança, jamais impôs. Sempre respeitou as falhas de cada um, aguardando pacientemente o momento certo de sua conversão para o bem.

Os sãos não precisam de médicos (Mateus 9:12).

É claro que devemos lutar para vencer os defeitos e adquirir virtudes, se pretendemos aproveitar esta existência para evoluir e desfrutar um pouco de equilíbrio e paz.

No entanto, o próprio Cristo sabia que tudo tem a sua hora certa e que, assim como a natureza, nossa jornada evolutiva não dá saltos.

Sejamos humildes e cautelosos perante as pretensões e imperfeições alheias, evitando a carga demasiada

que mata as esperanças ou a condescendência exagerada que ignora a necessidade do trabalho e do progresso.

Inspiremo-nos no bom senso de Kardec e na mansuetude do Cristo.